Tropa de elite e elite da tropa

Comparar o desempenho bélico dos militares na guerra colonial e nas guerras imperiais actuais, entre a capacidade de desembarcar em território inimigo com todos os riscos envolvidos e a condução das armas dos drones sentados num posto de trabalho junto a casa, permite compreender a diferença entre aquilo que já foi a guerra entre nações – de que carnificina da I Guerra Mundial foi o exemplo último – e a guerra dos Estados contra os povos – expressão que segundo Mário Tomé descreve melhor a actual estratégia bélica dominante, constituindo a II Grande Guerra um estádio intermédio – a guerra para estabelecer a sede do Império global, que se desenvolveu na Guerra Fria.

Nunca antes a guerra causa tantas baixas colaterais, como eufemística e cinicamente dizem os militares. Tais baixas são em muito maior número que as baixas em combate. E o desprezo pela vida dos civis foi denunciado de forma heroica pelo jovem soldado Bradley Manning, em tribunal militar, depois de ter sido sujeito a tortura pelos militares que não lhe perdoaram ter colaborado com *wikileaks* (de Assange, também a braços com os longos braços da tortura internacional, embora não capturado pela “justiça” colaborativa) na divulgação de vídeos produzidos pelos próprios militares – e a que ele deveria assistir por razão da sua profissão.

A elite da tropa é gente que faz da honra (ou falta dela) a sua profissão – um pouco da mesma maneira como a moral dos banqueiros é a reserva de confiança e fiabilidade do sistema financeiro e, com ele, do sistema *tout court*. Gente fiel entre si, capaz de desenvolver lutas intestinas sem jamais por em causa o espírito de corpo, isto é, a distinção social entre as lutas de carreira ou de opinião e as lutas sociais e militares utilizadas e provocadas pelas acções bélicas. Sendo que no regime aristocrático havia um quadro normativo que impunha explicitamente as regras dessa distinção entre ordens sociais e em condições de modernidade essa distinção é feita sem o suporte legal tão explícito. A elite da tropa continua a viver de rendas, mas nesta caso do orçamento do Estado e com as garantias das carreiras, dos direitos adquiridos e da autonomia na gestão das corporações militares e das forças armadas.

Há várias componentes da moral militar – exemplificadas por Mário Tomé por um documento escrito por Associação de Lanceiros para explicitar os seus principais valores – de que destaco a missão (ou melhor, a submissão à ordem recebida) e à vitória (capacidade de manter a vida para poder matar). O estado de espírito adequado a cumprir esta moral é objecto do treino militar inicial, a recruta, a transformação do mancebo num tropa. Isso é feito através da imposição de fazer chegar aos limites o esforço físico, com o intuito de esvaziar a mente, incluindo nesse esgotamento que se quer atingir o esgotamento emocional, conseguido através dos insultos, humilhações e abusos físicos, psicológicos e morais, tendo por pano de fundo formas de repressão da sexualidade próprias das condições de vida acantonada. No final, depois de se transformar o jovem num “homem”, estimula-se o orgulho de não ser ninguém senão um elemento de um corpo com quem se partilha segredos inconfessáveis (porque seria uma segunda humilhação) e um destino comum – a missão e a vitória (ou morte, ou estropiamento), sempre dos outros. Outros a quem se deve fidelidade, sobretudo se com eles se partilhar os mesmos segredos das experiências de recruta e de guerra.

Do magma que foi o recrutamento militar obrigatório, emergiam duas funções de elite: a tropa especial e os serviços de informação, sendo actualmente cada vez mais importantes os segundos. Hoje a tropa é sobretudo força de reacção aos riscos da perda de controlo da situação, onde o direito se escoa (nomeadamente por efeito da concorrência com as forças militares privadas) e as missões de policiamento (contra civis ou activistas políticos) ganham terreno.

A aristocracia armada fez os Descobrimentos, com os barcos armados de canhões de longo alcance e com espadas que também podiam ser manobradas como punhais. A utilização fiável e generalizada das armas de fogo, e o seu monopólio pelos agentes de Estado, suportou a construção do Estado moderno, que remeteu a tropa para a disciplina dos quarteis. Actualmente novas profundas transformações estão em curso, a acompanhar as transformações políticas, em particular o abandono das nações por estados corrompidos pela aliança dos manipuladores dos sistemas políticos e o capital financeiro globalizado.